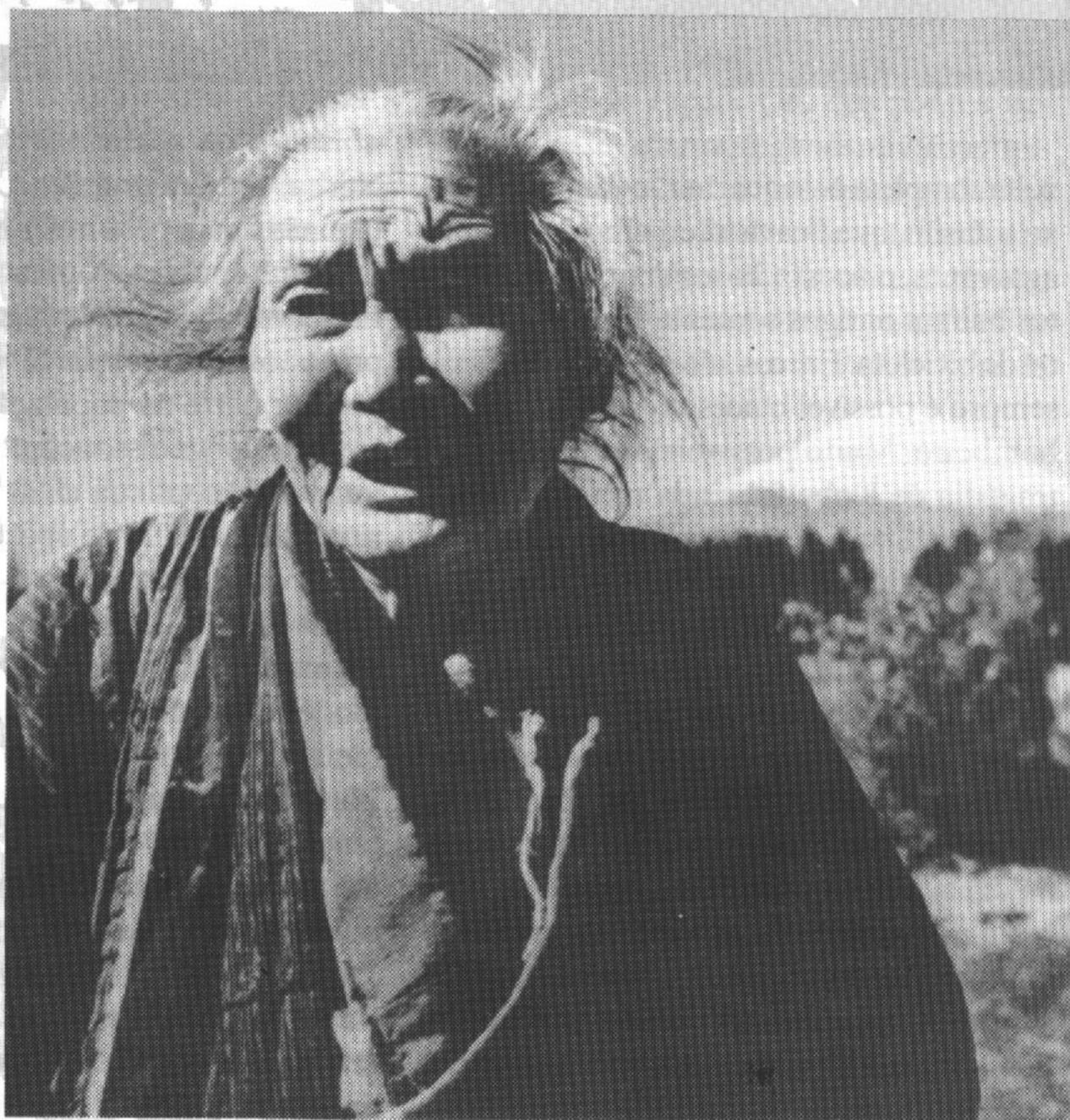


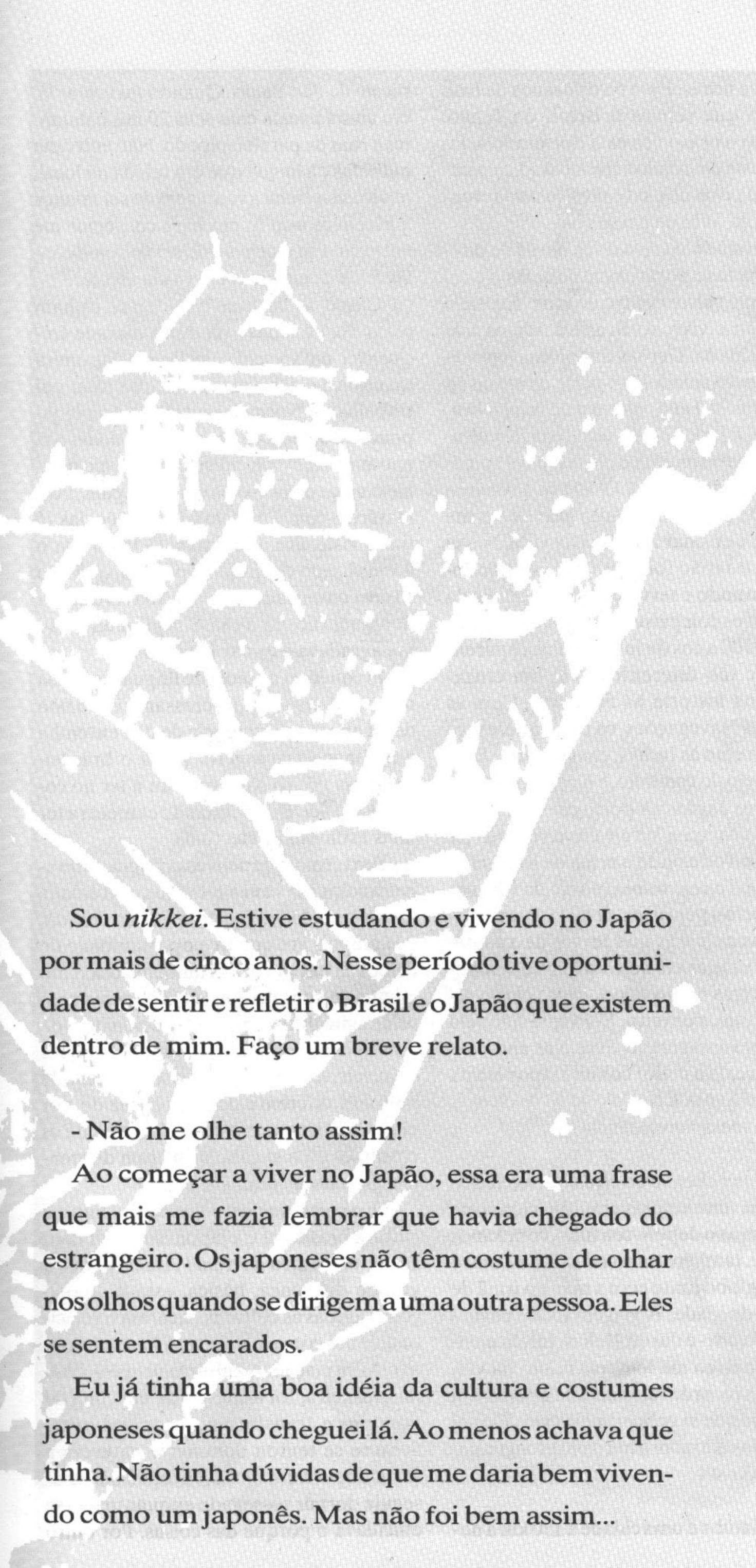
KAZUSEI AKIYAMA

# Entre dois mundos

UMA VELHA  
SENHORA  
CAMPONESA  
TENDO O MONTE  
FUJI AO FUNDO,  
NUM DIA FRIO —  
OS QUIMONOS  
SUPERPOSTOS  
INDICAM A  
PROTEÇÃO  
CONTRA O FRIO E  
O VENTO

**KAZUSEI AKIYAMA**  
é médico formado  
pela USP, com  
especialização em  
Medicina Oriental pela  
Universidade de Kinki,  
no Japão





Sou *nikkei*. Estive estudando e vivendo no Japão por mais de cinco anos. Nesse período tive oportunidade de sentir e refletir o Brasil e o Japão que existem dentro de mim. Faço um breve relato.

- Não me olhe tanto assim!

Ao começar a viver no Japão, essa era uma frase que mais me fazia lembrar que havia chegado do estrangeiro. Os japoneses não têm costume de olhar nos olhos quando se dirigem a uma outra pessoa. Eles se sentem encarados.

Eu já tinha uma boa idéia da cultura e costumes japoneses quando cheguei lá. Ao menos achava que tinha. Não tinha dúvidas de que me daria bem vivendo como um japonês. Mas não foi bem assim...

B

r

a

J

s

a

i

p

l

ã

o

8

Doze horas. Essa é a diferença de fuso horário que separa o Brasil do Japão. Quando o brasileiro está dormindo, o japonês está acordado e trabalhando, e vice-versa. Todos nós sabemos disso, aprendemos na aula de geografia.

Exatamente essas doze horas de diferença de fuso horário simbolizam o contraste que existe dentro de mim. Eu nasci no Japão e vivo no Brasil desde os três anos de idade. Dentro da colônia japonesa, somos chamados *jun-nisei*, quase niseis em japonês. Tenho dentro de mim o brasileiro e o japonês. Uma salada de culturas, diametralmente opostas, para começar geograficamente. O Brasil foi como uma mãe para mim, muito grande em me acolher e ensinar as coisas da vida. Nessa alusão, o Japão foi como um pai, pondo-me no mundo e servindo de referência da vida. Esses dois países, que neste ano completam 100 anos de intercâmbio, aparentemente tão diferentes, têm um cruzamento na história há 500 anos. Com as Grandes Navegações, os portugueses tomaram rumo às Índias, chegaram ao Brasil no meio do caminho, e no extremo chegaram ao Japão. O português foi o primeiro europeu a surgir em território japonês, introduzindo a arma de fogo, chamada de *Tanegashima*, nome da ilha em que aportou pela primeira vez. Prova disso são as palavras que foram deixadas e que são usadas até hoje na língua japonesa. Palavras como copo, capa, carta, vidro, veludo, confeito. Será que naquela época era imaginado que, 500 anos depois, haveria a maior colônia japonesa na Terra de Santa Cruz?

Será mera coincidência?

Meu pai chegou ao Brasil como funcionário de uma empresa multinacional em 1965. Um ano depois, seu filho, com 3 anos de idade, também tomou destino ao outro lado do globo junto com a mãe e a irmã de 8 meses de idade. A viagem foi de navio - *Sakura-maru* - e durou 41 dias. Infelizmente não consigo me lembrar muito da viagem, mas recordo nitidamente a paisagem brasileira que vi pela primeira vez. Fiquei impressionado com o horizonte longínquo e o pôr-do-sol.

Indaiatuba é uma cidade a 130 km a no-

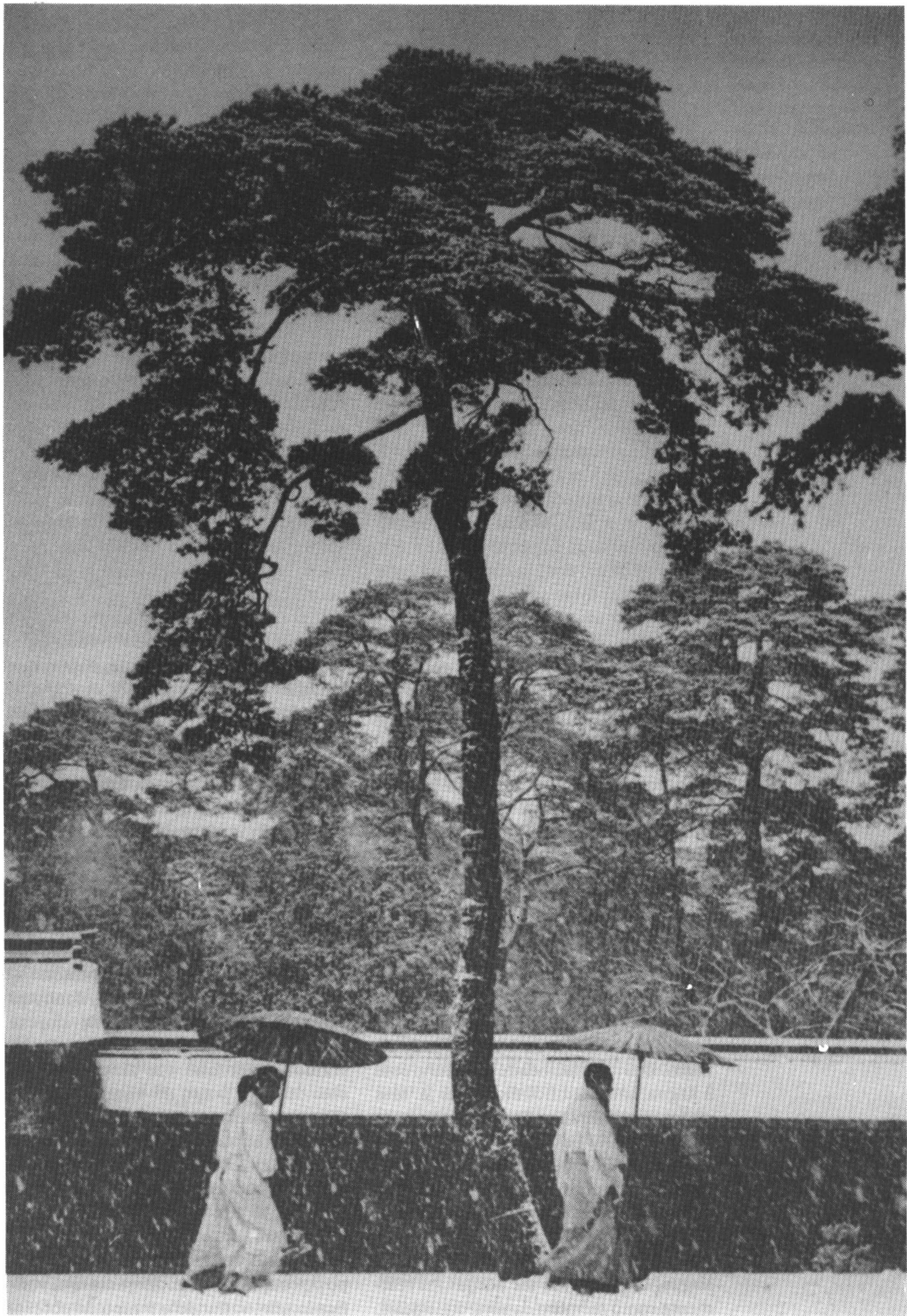
roeste de São Paulo. Quando fui morar lá, era ainda pacata com seus 20 mil habitantes e ruas de paralelepípedo. Não entendia bulhufas da língua que era falada no local, óbvio. Mas tinha a vantagem de ser criança e não demorou muito para conseguir me entrosar. Fui matriculado no jardim-de-infância, e começou minha vida escolar.

Como as escolas brasileiras tinham meio dia de aulas, na outra metade frequentei uma escola de língua japonesa mantida pela empresa em que meu pai trabalhava. Normalmente uma escola japonesa começa aos 6 anos de idade, um ano antes da escola brasileira. Isso me trouxe vantagem na escola em português, pois matérias como matemática e ciências já tinha visto um ano antes. O duro era o aprendizado da língua japonesa, que não só era complicado como não havia utilidade alguma no dia-a-dia. Sinceramente não me agradava estudar japonês...

Frequentei a escola de língua japonesa durante nove anos. Interessante era o fato de eu não ter consciência de que entendia uma língua estrangeira (para o brasileiro). Essa noção somente vim a ter no colégio, em São Paulo, quando comecei a ter mais estímulo intelectual.

Em termos práticos essa língua estrangeira somente veio a ter alguma utilidade na universidade. Existem várias atividades grupais em que tive oportunidade de colocá-la em prática. Também com o aumento de contato com os japoneses propriamente ditos, em geral funcionários de multinacionais, aumentaram os choques culturais. O Japão que existia dentro de mim era diferente do Japão trazido por eles. Então o que era eu? Não somente os costumes ou o vocabulário eram diferentes. Os valores também eram!

Qual será o oposto que existe entre a cultura brasileira e a japonesa e, por conseguinte, dentro de mim? Acredito que a grande diferença, básica, está no modo como ambas as culturas encaram o relacionamento com a natureza: a harmonia ou a transformação. A cultura européia, base da brasileira, foi arquitetada em cima do domínio e transformação da natureza. Sempre se tentou dominar a natureza a favor do ser humano. O europeu não conseguia dormir sossegado enquanto não se elucidava o porquê das coisas. Por outro



lado, a cultura oriental, base da japonesa, encontrou na harmonia o modo de relacionamento com a natureza. Mais do que adaptar o ser humano à natureza, tinham uma noção de que ele era parte integrante da mesma.

Esse contraste provavelmente existiu sempre dentro de mim, mas no meu curso médico é que ele começou a reclamar. Embora entendesse a importância do método alopático adotado na medicina tradicional, quanto mais entrava para a prática clínica mais tinha dúvidas quanto aos métodos muitas vezes agressivos que lhe eram inerentes. Sem sombra de dúvidas, a qualidade e a expectativa de vida ganharam um considerável aumento devido à medicina alopática.

A nossa medicina, baseada na ciência, somente considera algo que seja palpável. Assim, havia situações em que existia uma queixa do paciente, mas não havia nenhuma anormalidade do ponto de vista médico. Os números dos exames diziam estar tudo normal. Mas será que não existia mesmo uma anormalidade?

Era num momento que pensava e filosofava essas coisas quando descobri um linfoma em meu pai. Uma semana antes ele havia acabado de fazer um *check-up* médico, daqueles pacotes oferecidos a empresas, que somente acusara problemas menores. Nesse momento senti na pele sobre o exposto acima. Também foi um evento decisivo para me inclinar para a medicina holística, que é o pensar no corpo do paciente como um todo.

Nesse contexto procurei de volta a minha origem, onde talvez a medicina desse importância a coisas que nem sempre fossem palpáveis. Como bolsista da província de Osaka, fui estudar medicina oriental japonesa no Instituto de Pesquisa de Medicina Oriental da Universidade de Kinki. Devido à facilidade que tenho com a língua, não era difícil morar por lá. Mas nunca pensei que fosse tão difícil a comunicação com as pessoas.

Numa sociedade japonesa, que tem cultura milenar, os códigos sociais são "niponicamente" estabelecidos, ou seja, ao extremo e nos mínimos detalhes. Por causa dessa face nipônica, da fluência na língua, os japoneses me aceitavam realmente como membro da sociedade deles,

deixando-me entrar até na parte mais íntima. Em compensação, cobravam-me atitudes nipônicas, baseadas no código social lá vigente. Aí estava a maior dificuldade, onde acumulava *stress* no relacionamento com eles.

Notei também que nós *nikkeis* somos japoneses antigos, com culturas e valores trazidos pelos nossos ancestrais. Nesse tempo, o Japão sofreu uma transformação espantosa. O resultado é que somos exemplares do japonês fossilizado. Isso foi me dito várias vezes, e o fato de que eu era muito querido entre os mais velhos talvez fosse a prova disso.

Nos últimos tempos existe uma quantidade considerável de *nikkeis* vivendo no Japão mas não há proporcionalmente uma troca e entrosamento. Notei que ficam isolados, porque a cultura japonesa dificilmente aceita algo diferente dentro dela. O interessante é que esse sentimento ou valor é recíproco. A sociedade japonesa é muito fechada e exclusiva. Tudo deve ser homogêneo, consensual.

Esse é o lado ruim da harmonia. Talvez do que se distorceu dela. Não há espaço para o que seja diferente, para o que seja minoria.

O interessante foi verificar que isso acontece dentro da medicina. Embora historicamente a medicina oriental tenha sido a oficial, ela foi rebaixada a medicina popular após a Revolução da Luz no século passado. Eram introduzidos os métodos modernos e, juntamente, a medicina baseada na ciência. Hoje a medicina alopática é a dominante, e os médicos em geral e principalmente os do meio acadêmico não se sentem bem em ter uma medicina calcada em princípios diferentes dos vigentes.

A medicina oriental não é nenhuma bruxaria. Somente é baseada em valores e princípios diferentes da científica. Poderíamos dizer que ela ainda não foi elucidada do ponto de vista da ciência. Citando um exemplo interessante, existe uma erva chamada *Bupleuri Radix*, na qual a partícula mais ativa farmacologicamente é a saponina *Saicosaponine*, que tem frações "a", "b", "c" e "d". Tradicionalmente é utilizada em estados inflamatórios ou alérgicos e, dependendo da patologia, o tempo de cocção deve ser diferente. Foi verificado que, variando o tempo de cocção,



EM FOTO DE 1916, O PRIMEIRO JOGO DE BASEBALL NO CAMPO DA SUDAM, PERTENCENTE AO LIVRO *O IMIGRANTE JAPONÊS*, DE TOMOO HANDA

consegue se extrair mais frações “a” e “d” ou “b”. Comprovou-se que as frações “a” e “d” têm efeito antiinflamatório e a “b” antialérgico.

Estive fazendo, durante quatro anos, uma pesquisa sobre a água dentro do ser vivo. Existe uma noção, dentro da propedêutica da medicina oriental, de que os fluidos intracorpóreos devem estar circulando e em equilíbrio. Se existe estagnação, isto traz propensão a algum estado patológico. Criamos hepatite experimental em ratos e dávamos medicação que classicamente era utilizada para equilibrar a água. Nessa condição não acontecia nada, já que essa medicação não serve para hepatite nem o rato tinha algum distúrbio relacionado a fluidos corpóreos. Mas, causando a mesma hepatite em um ambiente extremamente úmido, onde há dificuldade de se metabolizar a água, ocorria piora considerável da hepatite. Nesse caso, com o uso dessa medicação havia melhora estatisticamente considerável da hepatite.

Por essas ilustrações, pode-se fazer uma verificação científica da medicina oriental. Consigo ter essa mistura de valores sem

muitos problemas graças à minha formação, com o Brasil e o Japão dentro de mim. Porém existem muitas dificuldades, mesmo por causa da extensão da mesma, por ser milenar.

Vivendo uns três anos no Japão, e me encontrando com alguém que não via há tempo, diziam que eu estava bem japonês. Devo ter incorporado modos e valores nipônicos aos montes. No início, essa constatação me deixava triste, pois sentia que estava perdendo meu lado brasileiro. Mas este último não era fraco não. Entre o terceiro e o quarto ano de estudo, fui viver na China por sete meses para estudar acupuntura chinesa. Nessa oportunidade, estando longe do Japão, pude constatar o que de mim é japonês e o que é brasileiro. Pude verificar que tenho o Brasil bem forte dentro de mim. Isso me deu novas forças e a ratificação do meu retorno.

Estou agora de volta a São Paulo. Sinceramente ainda me sinto um pouco fora d'água. Mas agora é a vez de devolver ao Brasil e semear aqui o Japão que existe dentro de mim.